

A realidade da moradia nas mensagens do Papa Francisco para o dia Mundial Dos Pobres e a CF 2026



La realidad de la vivienda en los mensajes del Papa Francisco para el Día Mundial de los Pobres y la CF 2026

The reality of housing in Pope Francis' messages for the World Day of the Poor and the CF 2026

Pe. Me. Clayton Alves de Freitas¹

Resumo: Este estudo analisa a indissociável relação entre fraternidade e moradia no horizonte do legado do Papa Francisco, tomando como *corpus* principal as Mensagens para o Dia Mundial dos Pobres, em diálogo com o tema da Campanha da Fraternidade 2026. A moradia é compreendida como dimensão constitutiva da dignidade humana e como critério concreto de verificação da fraternidade cristã. Ao denunciar a exclusão habitacional, as migrações forçadas, a situação de rua e os impactos sociais das guerras, Francisco evidencia que a privação de moradia configura uma das expressões mais graves da pobreza contemporânea. O estudo demonstra que a proposta cristã ultrapassa a assistência pontual, exigindo um compromisso pastoral, ético e político na promoção do direito à moradia digna. Conclui-se que fraternidade e moradia constituem um binômio inseparável no anúncio do Evangelho e na missão da Igreja.

Palavras-chave: Fraternidade; Moradia; Pobreza; Dignidade Humana; Missão da Igreja.

Resumen: Este estudio analiza la relación indisoluble entre fraternidad y vivienda en el horizonte del legado del Papa Francisco, tomando como *corpus* principal los Mensajes para la Jornada Mundial de los Pobres, en diálogo con el tema de la Campaña de la Fraternidad 2026. La vivienda se comprende como una dimensión constitutiva de la dignidad humana y como un criterio concreto de verificación de la fraternidad cristiana. Al denunciar la exclusión habitacional, las migraciones forzadas, la situación de calle y los impactos sociales de las guerras, Francisco evidencia que la privación de vivienda constituye una de las expresiones más graves de la pobreza contemporánea. El estudio demuestra que la propuesta cristiana trasciende la asistencia puntual, exigiendo un compromiso pastoral, ético y político en la promoción del derecho a una vivienda digna. Se concluye que fraternidad y vivienda forman un binomio inseparable en el anuncio del Evangelio y en la misión de la Iglesia.

¹ Padre Diocesano de Bonfim (BA). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. <http://lattes.cnpq.br/1261735266548756> e-mail: pe.claytonalves@gmail.com.



Palabras clave: Fraternidad; Vivienda; Pobreza; Dignidad humana; Misión de la Iglesia.

Abstract: This study examines the inseparable relationship between fraternity and housing within the framework of the legacy of Pope Francis, based primarily on the Messages for the World Day of the Poor, in dialogue with the theme of the 2026 Fraternity Campaign. Housing is understood as a constitutive dimension of human dignity and as a concrete criterion for assessing Christian fraternity. By denouncing housing exclusion, forced migration, homelessness, and the social consequences of wars, Pope Francis highlights that the lack of housing represents one of the most severe expressions of contemporary poverty. The study demonstrates that the Christian proposal goes beyond mere assistance, requiring pastoral, ethical, and political commitment to the promotion of the right to adequate housing. It concludes that fraternity and housing form an inseparable binomial in the proclamation of the Gospel.

Keywords: Fraternity; Housing; Poverty; Human Dignity; Church Mission.

*Sem lenha, fizemos lume.
Sem rios, cultivamos horizontes.
Sem recursos, investimos no que de mais valioso tínhamos: as pessoas.*

Amadeu Cruz
Ministro da Educação da República de Cabo Verde

1. Introdução

A questão da moradia, núcleo temático da Campanha da Fraternidade (CF) 2026, acompanha a vida humana desde os seus primórdios. Uma moradia não se reduz a aspectos materiais, como paredes, piso e teto; ela compreende um espaço de proteção, estabilidade, acolhimento e, sobretudo, amparo. Por essa razão, o problema da moradia persiste continuamente na história das sociedades como condição para a própria evolução humana.

Refletir sobre a moradia, portanto, significa refletir acerca da história humana, cuja densidade simbólica e existencial atravessa diferentes expressões culturais. Essa complexidade manifesta-se no *corpus* literário de Dostoiévski (2019), especialmente na novela **“Noites Brancas”**, escrita em sua juventude, em 1848, sob a forma de folhetim:

As casas também são minhas conhecidas. Quando caminho, é como se todas avançassem para a rua em minha direção, olhassem para mim com todas as suas janelas e quase dissessem: “Bom dia, como vai a sua saúde? Eu estou bem, graças a Deus, e, em maio, vão me aumentar um andar”. Ou: “Como está sua saúde? Amanhã vão me reformar”. Ou: “Eu quase me queimei e fiquei mesmo assustada” etc. Dentre elas, tenho minhas favoritas, minhas amigas íntimas; uma delas deseja se tratar com um arquiteto neste verão. De propósito, começarei a passar todo dia para que não a façam sofrer de algum modo; que Deus a proteja!... Mas nunca me esquecerei da história de uma linda casinha rosa-claro. Era uma casinha





de pedra tão agradável; olhava de forma tão acolhedora para mim e de forma tão arrogante para suas vizinhas desajeitadas, que meu coração se alegrava quando me acontecia passar em sua frente. De repente, na semana passada, estava indo pela rua e, logo que olhei para minha amiga, ouvi um grito lastimoso: “Pintaram-me com tinta amarela!”. Malvados! Bárbaros! (Dostoiévski, 2019, p. 14)

Nesse horizonte simbólico, entre as inúmeras narrativas clássicas que tratam do problema da moradia, encontra-se o conto de fadas “Os Três Porquinhos”. Trata-se de uma história de origem anônima, surgida na tradição oral europeia entre os séculos XVII e XVIII, período em que os relatos populares eram preservados pela memória coletiva. A versão escrita mais antiga e amplamente conhecida foi publicada pelo pesquisador inglês Halliwell, em 1849, na obra “Rimas Populares e Contos Infantis”.

Os três personagens constroem suas moradias com materiais distintos: palha, madeira e tijolos. Bettelheim descreve: “o menor dos porquinhos constrói sua casa sem qualquer cuidado, utilizando-se de palha; o segundo usa gravetos; ambos erguem seus abrigos tão rapidamente e sem esforço quanto são capazes” (2019, p. 61). Em suma, as moradias construídas pelos três porquinhos simbolizam o progresso humano na história (Bettelheim, 2019, p. 61).

A moradia, portanto, é fruto de um processo que envolve planejamento, trabalho, responsabilidade social e ambiental, e capacidade de prever riscos, elementos indispensáveis para que a habitação cumpra plenamente sua função de proteção e estabilidade. Contudo, tais condições não podem ser restritas a alguns; devem ser garantidas a todas e a todos. Só assim o direito à moradia deixa de ser privilégio e se afirma como bem fundamental, inerente à dignidade humana, conforme propõe o Papa Francisco nas mensagens do Dia Mundial dos Pobres entre 2017 e 2024, bem como na Campanha da Fraternidade 2026.

Ao contrário das fábulas moralistas, o conto “Os Três Porquinhos” não oferece conclusões genéricas, mas abre espaço para múltiplas interpretações, assim como ocorre em “Noites Brancas”, na qual o narrador, um jovem solitário, é propositadamente não nomeado por Dostoiévski, sendo caracterizado simplesmente como o “sonhador” (*мечтатель*, termo russo também utilizado para aquele que vive no mundo da imaginação).

Bettelheim observa que “cabe-nos decidir se desejamos aplicar algo de um conto de fadas à nossa vida” (2019, p. 62) e que a narrativa “orienta a reflexão da criança sobre o seu próprio desenvolvimento [...]” (2019, p. 65). Por isso, os contos “Os Três Porquinhos” e “Noites Brancas”, neste texto, constituem um preâmbulo para, neste artigo, problematizar a moradia como questão de convergências entre as Mensagens do Papa Francisco ao Dia Mundial dos Pobres de 2017, ano de instituição dessa data, até 2024, última mensagem proferida pelo pontífice, e a Campanha da Fraternidade 2026².

2 Cf. Objetivo geral: Promover, a partir da Boa-Nova do Reino de Deus e em espírito de conversão quaresmal, a moradia digna como prioridade e direito, junto aos demais bens e serviços essenciais a toda a população. Objetivos específicos: 1. Analisar a realidade da moradia precária, muitas vezes admitida como normal, a qual culpabiliza os pobres e segrega milhões de pessoas no Brasil. 2. Identificar omissões do poder público e da sociedade civil frente à universalização dos direitos à moradia e à cidade, bem como iniciativas pastorais, governamentais e da organização popular que promovam a moradia. 3. Conscientizar, a partir da Palavra de Deus e do Ensino Social da Igreja, sobre a necessidade sagrada de teto, terra e trabalho para todos. 4. Corrigir a compreensão da moradia como mercadoria, objeto de especulação ou mérito individual. 5. Fortalecer a presença eclesial e o compromisso socio-transformador junto aos mais pobres, caminhando com os movimentos e organizações populares que promovem a moradia. 6.

Ergo, a presente reflexão tem por objetivo visibilizar a Campanha da Fraternidade 2026 como expressão que ecoa a realidade da moradia tal como problematizada nas mensagens do Dia Mundial dos Pobres do Papa Francisco. Nessa perspectiva, adota-se a análise discursiva como abordagem metodológica, uma vez que permite extrair, a partir das próprias fontes, elementos para o aprofundamento dessa temática, configurando-se, assim, como um estudo de natureza exclusivamente bibliográfica.

Parte-se da hipótese de que: a) há uma preocupação consistente do Papa Francisco com a questão da moradia, evidenciada em suas mensagens por ocasião do Dia Mundial dos Pobres; e b), em desdobramento dessa primeira constatação, verifica-se que o Texto-base da Campanha da Fraternidade 2026 reflete essa mesma problemática, fazendo ressoar o legado do Papa Francisco em favor daqueles que não têm onde reclinar a cabeça (Mt 8,20).

Nesse sentido, o texto estabelece um diálogo analítico entre as referidas mensagens e a CF 2026, tomando como fonte principal o Texto-base da campanha. A fim de evidenciar tal articulação, as mensagens foram organizadas segundo um critério cronológico, da primeira à última, permitindo identificar continuidades, aprofundamentos e possíveis inflexões no tratamento da questão da moradia nas mensagens do Papa Francisco ao Dia Mundial dos Pobres.

2. Mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial dos Pobres (2017–2024) e a Campanha da Fraternidade 2026

À luz desse horizonte literário, as páginas que se seguem voltam-se ao legado do Papa Francisco no que concerne à sua preocupação com a moradia. Tendo como fonte principal o conjunto das Mensagens para o Dia Mundial dos Pobres (I–VIII), este estudo segue o itinerário bibliográfico que aí se delineia, analisando, em ordem cronológica, como o Papa retoma a temática da moradia de pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade habitacional. Dessa forma, a reflexão teológico-pastoral sobre a moradia, evidenciada nas imagens literárias e nos contos de fadas, encontra continuidade e aprofundamento na leitura das mensagens de Francisco, nas quais a defesa do direito à moradia se articula com a opção preferencial pelos pobres (CELAM, 2007).

É importante frisar que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apresentou, em agosto de 2025, a identidade visual da Campanha da Fraternidade 2026, cujo tema, “Fraternidade e Moradia”, e lema bíblico, “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14), reafirmam a moradia como um direito fundamental e expressão concreta da fé cristã. Com efeito, o próprio Texto-base formula como horizonte pastoral o compromisso de “promover, a partir da Boa-Nova do Reino de Deus e em espírito de conversão quaresmal, a moradia digna como prioridade e direito, junto aos demais bens e serviços essenciais a toda a população” (CNBB, 2025, p. 8). Desse modo, o debate sobre o direito à moradia adequada ultrapassa a esfera social e adquire densidade teológica e pastoral, pois envolve a inteligibilidade pública do Evangelho na forma de responsabilidade ética e de conversão social.

Empenhar-se para efetivar leis e viabilizar políticas públicas de moradia em todas as esferas sociais e políticas (CNBB, 2025, p. 8).



Além disso, a Campanha explicita uma finalidade pedagógico-política que converge com o percurso das mensagens pontifícias: “conscientizar a sociedade sobre as causas do grave problema da moradia e comprometer todas as pessoas, num esforço conjunto e participativo, para a superação do grave déficit habitacional do país” (CNBB, 2025, p. 82). Tal diretriz orienta o presente itinerário: ao acompanhar Francisco ano a ano, procura-se mostrar que o seu legado pastoral e social não apenas denuncia a exclusão habitacional, mas também mobiliza um léxico de fraternidade efetiva, isto é, uma fraternidade verificável em práticas, estruturas e escolhas.



3. Não amemos com palavras, mas com obras (2017)

A reflexão do Papa Francisco sobre a pobreza permite compreender a moradia não apenas como um bem material, mas como um eixo estruturante da dignidade humana. Ao descrever os múltiplos rostos da pobreza, Francisco evidencia que a falta de uma moradia segura não é um fenômeno isolado, mas parte de um conjunto complexo de vulnerabilidades que atinge milhões de pessoas. Como afirma o Papa: “a pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro” (2017, n. 5).

Esse diagnóstico inclui diretamente a privação de moradia, pois a pessoa que vive a miséria, a migração forçada, a marginalização e o exílio é, muitas vezes, aquela privada do direito fundamental à moradia, reconhecido tanto pela *Gaudium et Spes* ([1965] 2014) quanto pela *Pacem in Terris* ([1963] 2013) como condição de vida digna. Nessa perspectiva, o problema ultrapassa a esfera individual e assume dimensão social e estrutural. Como constata o Texto-base: “dessa forma, podemos dizer que o problema da moradia não é somente de quem não tem casa, mas uma questão que atinge toda a sociedade” (CNBB, 2025, p. 53). O texto papal, em consonância com essa compreensão, reforça que a falta de moradia é uma das desigualdades mais dramáticas da exclusão contemporânea e interpela a Igreja e a sociedade a responderem não apenas com palavras, mas com ações concretas que restituam dignidade, acolhimento e justiça aos que vivem essa situação de vulnerabilidade.

4. Este pobre clama e o Senhor o escuta (2018)

A Mensagem de Francisco para o II Dia Mundial dos Pobres aprofunda a compreensão da pobreza como experiência de exclusão que afeta a totalidade da vida humana, e não apenas a falta de recursos materiais. Essa exclusão, em seu nível mais concreto, manifesta-se também na perda ou precarização da moradia, que se torna símbolo da desproteção social e do abandono das estruturas de cuidado. Ao descrever a condição dos pobres como marcada por solidão, tristeza e perseguição, o Papa expõe dimensões que geralmente acompanham aqueles que vivem sem uma moradia segura, sem lugar de pertencimento e sem horizonte de futuro. Como ensina Francisco: “n’Ele se diz, antes de mais nada, que o Senhor escuta os pobres que clamam por Ele e é bom para quantos, de coração dilacerado pela tristeza, pela solidão e pela exclusão, n’Ele procuram refúgio” (2018, n. 1).

Essas formas de sofrimento descritas pelo Papa são também características das populações em situação de vulnerabilidade habitacional: pessoas em situação de rua, famílias vivendo em ocupações precárias, migrantes que perderam suas moradias e comunidades atingidas por despejos ou pela ausência de políticas públicas adequadas. Quando Francisco fala de tristeza, solidão e exclusão, está implicitamente apontando para o drama daqueles que, desprovidos de um lar, não encontram nem segurança física nem reconhecimento social. Nesse contexto, a responsabilidade eclesial e social não se limita à assistência pontual, mas exige escuta, participação e protagonismo dos próprios pobres. Como sintetiza o Texto-base, citando o Papa Leão XIV: “exorto-vos a dar a palavra aos pobres!” (CNBB, 2025, p. 75).



5. A esperança dos pobres jamais se frustrará (2019)

Na Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres, Francisco aprofunda a crítica às estruturas sociais que produzem exclusão, chegando a nomear explicitamente a situação das pessoas sem abrigo e a chamada “arquitetura hostil” como sinais de uma cidade que nega lugar aos pobres. Ao descrever essa realidade, o Papa mostra que a pobreza não é apenas carência econômica abstrata, mas também expulsão concreta do espaço urbano, negação do direito de permanecer na cidade e de usufruir de um lugar onde morar com dignidade. Ele diz: “além disso, como esquecer os milhões de migrantes vítimas de tantos interesses ocultos, muitas vezes instrumentalizados para uso político, a quem se nega a solidariedade e a igualdade? E tantas pessoas sem abrigo e marginalizadas que vagueiam pelas estradas das nossas cidades?” (2019, n. 2).

Aqui, a “arquitetura hostil” e a figura dos “sem abrigo” revelam que a violação da moradia vai além da ausência de um teto: trata-se de uma cidade desenhada para expulsar corpos indesejados, transformando ruas, praças e equipamentos urbanos em instrumentos de exclusão. A pessoa pobre não encontra apenas a falta de moradia, mas a negação de seus direitos fundamentais. Quando Francisco menciona que esses homens e mulheres “vagueiam [...] esperando obter um emprego, uma casa, um afeto”, ele articula de forma densa a tríade trabalho–moradia–vínculo como núcleo da condição humana digna.

A moradia aparece, assim, como horizonte de esperança dos pobres e, ao mesmo tempo, como critério para julgar a justiça das estruturas sociais: uma sociedade que produz deliberadamente pessoas sem moradia e que organiza o espaço contra elas rompe com o Evangelho e com a própria lógica dos direitos humanos. Nessa mesma direção, o Papa Francisco nos convocou: “Queridos irmãos e irmãs: continuai a vossa luta, fazei o bem para todos nós. É como uma bênção de humanidade” (CNBB, 2025, p. 79).

6. Estende a tua mão ao pobre (2020)

Na Mensagem para o IV Dia Mundial dos Pobres, escrita no contexto dramático da pandemia de Covid-19, Francisco explicita, de modo particular, a situação daqueles que “moram



na rua” e daqueles que, mesmo possuindo um teto, vivem em profunda insegurança material. Ao falar das “mãos estendidas” que se multiplicaram nesses meses, o Papa mostra que a crise sanitária evidenciou o valor da moradia como lugar de proteção e, simultaneamente, desnudou a vulnerabilidade de quem não dispõe de moradia ou vive em habitações precárias. Como ele sintetiza: “estender a mão é um sinal: um sinal que apela imediatamente à proximidade, à solidariedade, ao amor” (2020, n. 6–7).

A moradia aparece, então, como lugar onde se experimenta concretamente a fraternidade ou, ao contrário, a exclusão. A mão estendida do voluntário que se aproxima de quem vive na rua indica que a resposta cristã não se limita a oferecer assistência pontual, mas supõe reconhecer que ninguém deveria ser condenado a viver sem moradia ou em moradias que não protegem, não alimentam nem acolhem. Nesse horizonte, o apelo a “estender a mão ao pobre” torna-se também um chamado a construir políticas e práticas pastorais que assegurem uma moradia digna para todos, superando tanto a indiferença social quanto as estruturas que normalizam a existência de pessoas em situação de rua.

Em consonância com essa perspectiva, o Texto-base propõe ações concretas, entre elas: “colaborar para que grupos vivendo em situação de moradia precária possam obter assessoria técnica pública e gratuita (advogados, [...]) para equacionar seus problemas” (CNBB, 2025, p. 80). Tal orientação evidencia que a caridade cristã, para ser coerente com o Evangelho, deve articular proximidade, compromisso institucional e defesa efetiva de direitos, especialmente no que se refere à garantia da moradia digna.

7. Sempre tereis pobres entre vós (2021)

Na Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres, Francisco aprofunda o vínculo entre Jesus, os pobres e o anúncio do Evangelho, afirmando que o próprio Cristo se deixa encontrar na vida concreta daqueles que vivem em condições indignas. Quando o Papa descreve “as condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver”, ele toca diretamente o campo da moradia, pois é precisamente no espaço onde se habita que a desumanização se torna mais visível: moradias insalubres, favelas sem infraestrutura, ocupações precárias, pessoas em situação de rua.

Nesse contexto, Francisco afirma: “os pobres de qualquer condição e latitude evangelizam-nos, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai” (2021, n. 2). Ao falar de “condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver”, o texto abre um espaço teológico para compreender a moradia como lugar privilegiado de manifestação ou negação da dignidade. A moradia deixa de ser apenas uma necessidade material para se tornar o ambiente onde a pessoa pode (ou não) experimentar ser filha de Deus, reconhecida e acolhida.

Nessa mesma perspectiva, o Texto-base explicita que tal compromisso exige enfrentar as causas estruturais da exclusão habitacional, propondo: “Enfrentar criticamente a especulação imobiliária, opondo-se à produção da cidade orientada só pelo lucro com a terra urbana,



substituindo-a pela dinâmica da fraternidade” (CNBB, 2025, p. 82). Assim, a mensagem de 2021 reafirma que não basta assistir os pobres onde estão: é necessário questionar por que são obrigados a viver de forma indigna e assumir, como exigência evangélica, a luta por políticas e práticas que assegurem a todos um lar onde possam viver como filhos e filhas de Deus.

8. Jesus Cristo fez-Se pobre por vós (2022)

Na Mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres, Francisco evidencia como a pobreza contemporânea é profundamente marcada pelas guerras e pelos deslocamentos forçados, atingindo diretamente o direito de permanecer em moradia e de habitar com segurança. A destruição de cidades, a fuga sob bombas e o desenraizamento de famílias inteiras revelam que a moradia se tornou um dos primeiros campos em que a dignidade humana é ferida. O Papa mostra que os pobres de hoje são, em grande parte, refugiados e deslocados que perderam sua moradia, seu território e sua comunidade, e convoca a Igreja e a sociedade a partilhar não apenas bens materiais, mas também segurança, espaço e estabilidade residencial. Ele afirma: “Milhões de mulheres, crianças e idosos veem-se constrangidos a desafiar o perigo das bombas para pôr a vida a salvo, procurando abrigo como refugiados em países vizinhos” (2022, n. 2).

Ao pedir que o “patrimônio de segurança e estabilidade” seja partilhado com aqueles que foram obrigados a deixar suas moradias, Francisco desloca a reflexão sobre a moradia do plano individual para o comunitário e estrutural: aquilo que alguns experimentam como conforto e estabilidade habitacional deve converter-se em possibilidade concreta de acolhida para os que nada têm. A moradia deixa de ser apenas propriedade privada para tornar-se também vocação ética, isto é, lugar capaz de abrir espaço, acolher, proteger e devolver identidade a quem perdeu tudo.

Nesse ínterim, a pobreza ligada à guerra manifesta-se como pobreza de moradia, e a resposta cristã passa por transformar moradias seguras em lares hospitalares, bairros em comunidades de acolhida e políticas públicas em garantia real do direito à moradia para refugiados, deslocados e empobrecidos. Tal horizonte exige não apenas solidariedade imediata, mas também organização preventiva e estrutural. Nesse sentido, a CNBB (2025, p. 83) destaca a necessidade de “preparar as comunidades para enfrentarem as emergências socioambientais e calamidades, diminuindo seus danos e impactos, como a identificação e mitigação de riscos, rede de acolhimento e ajuda, locais de apoio e sistema de alerta humanizado etc.”.

9. Nunca afastes de algum pobre o teu olhar (2023)

Na Mensagem para o VII Dia Mundial dos Pobres, Francisco explicita de forma direta que a moradia é parte constitutiva da dignidade humana e não um benefício opcional ou assistencial, mas um direito que fundamenta a própria existência social da pessoa. Ao retomar a *Pacem in terris*, ele insere a moradia no núcleo dos bens indispensáveis à vida, ao lado da



alimentação, vestuário, saúde e serviços sociais, deslocando o tema da moradia do campo meramente econômico para o horizonte ético e político da justiça social. Como afirma o Papa, citando João XXIII:

O ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são especialmente a nutrição, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis. Segue-se daí, que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer outro caso de privação dos meios de sustento por circunstâncias independentes da sua vontade (João XXIII, 1963, n. 11, apud Francisco, 2023, n. 6).



A partir dessa formulação, a pobreza não é apenas falta de renda, mas negação concreta desse “padrão de vida digno”, cuja expressão mais visível é justamente a ausência de uma moradia adequada. A moradia aparece, assim, como eixo transversal de todos os outros direitos: sem um lugar para repousar, cuidar da saúde, guardar alimentos, conviver em família e participar da vida comunitária, as demais garantias ficam esvaziadas.

Ao convocar a sociedade e o poder público a traduzirem essas palavras em “empenho político e legislativo sério e eficaz”, Francisco indica que a fidelidade ao Evangelho passa por transformar o direito à moradia em realidade concreta para os pobres, combatendo as estruturas que produzem despejos, periferias precárias e pessoas em situação de rua. Tal compromisso não se esgota em ações pontuais, mas exige uma transformação interior e comunitária. Como afirma a CNBB (2025, p. 89), “tudo isso quer levar a uma conversão, a uma superação do resistente egoísmo e do fatal individualismo, a uma vida de amor fraterno e de engajamento comunitário”.

10. A oração do pobre eleva-se até Deus (2024)

Na Mensagem para o VIII Dia Mundial dos Pobres, Francisco mostra que a oração autêntica não pode ficar separada das condições concretas de vida dos pobres e, por isso, a moradia aparece como um lugar teológico onde a fé se prova na caridade e na proximidade. Quando o Papa recorda que “a oração do pobre” chega a Deus e que ela deve ser “lida” nos rostos e histórias dos pobres, ele desloca a espiritualidade para o chão da realidade: é no sofrimento cotidiano, inclusive na precariedade de quem não tem moradia ou vive sem segurança habitacional, que o clamor se torna oração e interpela a Igreja a agir. Como afirma Francisco:

A esperança cristã inclui também a certeza de que a nossa oração chega à presença de Deus; não uma oração qualquer, mas a oração do pobre. Reflitamos sobre esta Palavra e “leiamo-la” nos rostos e nas histórias dos pobres que encontramos no nosso dia a dia, para que a oração se torne um modo de comunhão com eles e de partilha do seu sofrimento (2024, n. 1).

Essa orientação fundamenta uma relação direta com o tema moradia, porque a ausência de moradia é uma das formas mais duras de sofrimento partilhável: ela expõe o pobre à humilhação, à insegurança, à invisibilidade social e à ruptura de vínculos, exatamente aquilo que a mensagem denuncia quando pede comunhão real, e não apenas piedade abstrata. Além disso, ao insistir que “a oração encontra o certificado da sua autenticidade na caridade que se transforma em encontro e proximidade” (Francisco, 2024, n. 7), o Papa indica que a resposta cristã deve tocar a vida concreta: aproximar-se de quem vive “nas nossas cidades” (n. 6), apoiar iniciativas e voluntários (n. 7), e converter a fé em ações que devolvam dignidade. Nesse horizonte, promover moradia digna não é um “tema social externo” à oração, mas um desdobramento necessário da espiritualidade cristã: se a oração do pobre sobe até Deus, ela também deve descer, pela Igreja, em forma de cuidado, acolhimento e compromisso para que ninguém seja condenado a viver sem teto, sem pertença e sem proteção (CNBB, 2025, p. 47).



11. Considerações Finais

Ao longo das Mensagens para o Dia Mundial dos Pobres (2017–2024), o Papa Francisco constrói um itinerário coerente no qual a moradia emerge como expressão concreta da fraternidade cristã. Ainda que nem sempre nomeada explicitamente em todos os textos, a moradia aparece de modo transversal como condição indispensável para a dignidade humana, lugar de proteção, pertencimento, cuidado e possibilidade real de vida plena. Assim, o tema “Fraternidade e Moradia”, proposto pela Campanha da Fraternidade 2026, encontra sólido fundamento teológico e pastoral no conjunto dessas mensagens.

O legado do Papa Francisco insiste que a pobreza não é um dado abstrato, nem uma construção meramente simbólica, mas uma realidade histórica, concreta e situada, encarnada em corpos, histórias e espaços concretos. Entre esses espaços, a moradia ocupa lugar central, pois a sua ausência ou precariedade revela formas extremas de exclusão: pessoas em situação de rua, famílias deslocadas por guerras, migrantes forçados, populações empurradas para periferias sem infraestrutura ou submetidas a políticas urbanas que produzem invisibilidade e descarte. Quando o Papa denuncia a arquitetura hostil, a marginalização urbana e a negação do direito de permanecer na cidade, ele explicita que a falta de moradia é também negação de fraternidade, pois impede o reconhecimento do outro como irmão que tem direito a habitar o mundo.

Ao mesmo tempo, Francisco afirma que a fraternidade não pode permanecer no plano retórico. Ela se verifica na proximidade, na escuta e em ações concretas que devolvam dignidade. Nesse sentido, garantir moradia digna deixa de ser apenas uma demanda social e passa a ser uma exigência ética, teológica e evangélica. Se Cristo se identifica com os pobres que vivem em condições desumanas, então toda realidade de precariedade habitacional torna-se lugar teológico e espaço privilegiado de missão. Promover a moradia significa, portanto, tornar visível a misericórdia, transformar a caridade em estrutura e permitir que a fraternidade se traduza em políticas públicas, práticas comunitárias e escolhas pastorais.

Dessa forma, as mensagens do Papa Francisco oferecem à Campanha da Fraternidade 2026 não apenas inspiração temática, mas um horizonte hermenêutico integrador, no qual ética,





pastoral e espiritualidade se entrelaçam: fraternidade e moradia são inseparáveis. Não há fraternidade sem espaço para o outro habitar; não há moradia verdadeiramente humana sem relações fraternas que a sustentem. Assumir esse vínculo é reconhecer que a Igreja é chamada não só a falar de moradia, mas a comprometer-se efetivamente com processos concretos de sua construção, para que ninguém seja condenado a viver sem teto, sem pertença e sem dignidade.

Nesse sentido, a reflexão converge com a afirmação de que “a Igreja missionária de esperança tem o compromisso de apoiar e denunciar todas as atitudes contrárias à vida plena dos empobrecidos” (Villaseñor, 2025), pois a negação do direito à moradia constitui uma das formas mais graves de atentado contra essa vida plena. Assim, promover a fraternidade passa necessariamente por denunciar estruturas que produzem exclusão habitacional e por sustentar ações concretas que transformem a esperança cristã em mediações históricas efetivas, isto é, em espaços reais de acolhimento, justiça e dignidade para os pobres.

12. Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada: tradução oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)**. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Campanha da Fraternidade 2026: Texto-base**. Brasília: Edições CNBB, 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo atual. In: CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Documentos do Concílio Vaticano II**. 11. ed. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Ed. 1. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CRUZ, Amadeu. **Discurso proferido na Cerimônia de comemoração dos 50 anos de independência de Cabo Verde na diáspora** = Discurso do Ministro da Educação =. Brasília, 9 jul. 2025.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Noites brancas**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Editora 34, 2019.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres: Não amemos com palavras, mas com obras**. Vaticano, 19 nov. 2017. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o II Dia Mundial dos Pobres: Este pobre clama e o Senhor o escuta.** Vaticano, 18 nov. 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres: A esperança dos pobres jamais se frustrará.** Vaticano, 17 nov. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres: Estende a tua mão ao pobre.** Vaticano, 15 nov. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres: Sempre tereis pobres entre vós (Mc 14,7).** Vaticano, 14 nov. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o VI Dia Mundial dos Pobres: Jesus Cristo fez-Se pobre por vós (2 Cor 8,9).** Vaticano, 13 nov. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o VII Dia Mundial dos Pobres: Nunca afastes de algum pobre o teu olhar (Tb 4,7).** Vaticano, 19 nov. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o VIII Dia Mundial dos Pobres: A oração do pobre eleva-se até Deus (Sir 21,5).** Vaticano, 17 nov. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 dez. 2025.

HALLIWELL, James Orchard. **Popular rhymes and nursery tales.** London: John Russell Smith, 1849.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta encíclica Pacem in terris: sobre a paz entre todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade.** In: CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Documentos de João XXIII. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2013.

VILLASEÑOR, Rafael López. A esperança na teologia da missão: uma reflexão no contexto do ano jubilar. **Revista Missão e Culturas.** Brasília, v. 1, n. 1, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revista.pom.org.br/index.php/ojs/article/view/4/1>. Acesso em: 8 dez. 2025.

